

A INTERJEIÇÃO DO MONÓLOGO DAS EMOÇÕES

ELENI JACQUES MARTINS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Este trabalho se desenvolverá em torno das interjeições, e nele pretendo fazer uma reflexão sobre duas questões afins, que me parecem interessantes e sobre as quais não se tem tratado ultimamente. A primeira é a da existência de um reduto de pura emotividade na linguagem; a segunda, a da possibilidade de ela conter um resíduo monológico. São duas questões arriscadas, na medida em que aspectos afetivos são marginais a qualquer enfoque de investigação lingüística, e a existência de um reduto monológico na linguagem pode até ser visto como questão tabu, depois que teorias pragmáticas firmaram caráter dialógico de toda enunciação.

Ao tratar-se de interjeições, surge logo a associação com linguagem afetiva. Mas é difícil sustentar a pertinência dessa associação, porque não contamos com instrumentos teóricos e metodológicos para delimitar ou satisfatoriamente caracterizar tal linguagem. Ao contrário, tem-se explorado exaustivamente o caráter cognitivo da linguagem; teorias são construídas como argumento de sua natureza inata e universal, destituída, portanto, da particularidade dos afetos. E, ultimamente, investiga-se o lado pragmático da linguagem, intersubjetivo em algum sentido, mas a ênfase destas investigações recai sobre a intencionalidade, o social e o ideológico. Nada, portanto, sobre a emotividade nos enunciados e no discurso.

É bem verdade que autores respeitáveis e não alinhados, ou nem sempre alinhados, às teorias lingüísticas hegemônicas levaram a sério a hipótese da linguagem emotiva ou expressiva. Por exemplo, Bally e Jakobson.

Bally (1949), em "A Linguagem e a Vida", afirma que a linguagem não é uma criação lógica, já que a vida que ela expressa não se constitui de idéias puras. Ele acredita que as idéias, os juízos intelectualmente depurados existem, mas restritos ao âmbito das ciências. No viver, todas as idéias são assimiladas através de modificações subjetivas que se processam pela ligação que estabelecemos entre elas e nossa vida, ou a vida das pessoas com quem estamos relacionados. Quando alguém diz, por exemplo, "Faz calor", estará, segundo as circunstâncias, querendo dizer "Este calor me é desagradável", "Me faz bem", "As colheitas vão secar", etc. É, portanto, uma expressão comprometida com afetos, interesses e projetos pessoais.

Para Jakobson (1969), a língua, normalmente percebida como um código global, é, na verdade, "um sistema de subcódigos relacionados entre si", que constituem as

diferentes funções da linguagem e não se manifestam de maneira pura e absoluta, mas se caracterizam pelo domínio hierárquico de uma ou de outra. Apesar da tendência generalizada a homogeneizar a língua a partir da função referencial, o autor considera a função emotiva da linguagem como um subcódigo, que predomina em certas circunstâncias. Os elementos envolvidos no processo lingüístico ou de comunicação é que determinam as diferentes funções da linguagem. No jogo comunicativo, a função emotiva está centrada no lugar do remetente. Ela é a "expressão direta da atitude de quem fala em relação àquilo de quem se está falando"(p.124). Para o autor, "o extrato puramente emotivo da linguagem" é representado pelas interjeições que diferem da linguagem referencial antes de tudo pela configuração sonora, mas cuja "coloração" se revela em todas nossas manifestações verbais ao nível fônico, gramatical e vocabular.

O que os autores propõem como natureza ou função emotiva da linguagem configura, na verdade, um dos aspectos da relação linguagem-usuário, passível de ser estudada atualmente por teorias pragmáticas. Não se trata de uma linguagem afetiva propriamente dita. Trata-se da adoção do sujeito como eixo da investigação lingüística, tendo o termo sujeito os mais variados sentidos, dependendo do ponto de vista teórico. O exemplo dado por Bally de todas as possibilidades de interpretação de uma exclamação como "Faz calor", poderia ser explicado hoje pela teoria dos implícitos. Não existe, pois, uma linguagem afetiva ou expressiva, mas a necessidade de uma teoria pragmática que dê conta das relações sujeito-linguagem, também do ponto de vista de seu universo emotivo, se é que isso é possível.

Contudo, Jakobson afirma que a língua é constituída de subcódigos e que há um "extrato emotivo" da linguagem, representado pelas interjeições. Esta me parece uma delimitação lingüisticamente verossímil e metodologicamente considerável. É na pressuposição desse extrato puramente emotivo que formulo a hipótese de um resíduo monológico da linguagem, isto é, que não compartilharia, na enunciação, da natureza dialógica dos demais enunciados. Resumindo, é possível que esse extrato seja marginal ao parâmetro dialógico de toda atividade lingüística. Com isso quero dizer que **suponho a existência de enunciações que não determinariam a constituição de um tu e conseqüentemente a alternância do eu.**

Para desenvolver minha hipótese, não buscarei, inicialmente, apoio em alguma teoria lingüística, porque, de um modo geral, e por razões evidentes, elas ignoram as interjeições. Volto-me para a gramática tradicional, que é um lugar de boas intuições sobre questões lingüísticas que resistam à interpretação de teorias rigorosamente formuladas. E sobre as interjeições, a gramática nos diz coisas fortes e às vezes estranhas, que obrigam a considerar caráter lingüístico extraordinário, dessa "classe de palavras".

Dizem as gramáticas que as interjeições são um espécie de grito com que traduzimos, de modo vivo, nossas emoções. Autores mais extremados chegam a afirmar que elas são um grito animal. Em conseqüência não chegam a ser palavras e não têm significação própria.

Por esses traços apontados pelas gramáticas como definidores das interjeições, entende-se porque as gramáticas formais pós-saussurianas, como a estrutural e a gerativa as ignoram: elas se expressam por elementos morfológica e semanticamente anômalos, aberrações se consideradas em relação ao signo lingüístico, e, do ponto de vista sintático, são exteriores à frase. Entende-se também porque elas não têm sido tomadas como marcar pertinentes para uma análise do discurso de fundamento ideológico: afinal os "gritos da alma", a expressão das emoções, não se coadunam com ideologias. Ouve-se dizer que o riso e as lágrimas não são ideológicos. E, com igual razão, as interjeições.

Mas, se as gramáticas tradicionais têm boas intuições, elas também cometem grandes erros, que podem, entretanto, sinalizar questões obscuras. No que diz respeito às interjeições, cometem dois equívocos. O primeiro é o de apresentá-las como uma classe de palavras, embora as registrem sempre com um ponto de exclamação, como frases exclamativas, portanto. O segundo equívoco é o da classificação das interjeições, conforme os sentimentos que expressam, sendo esses sentimentos considerados como seu significado embora muitas delas não signifiquem ou expressem exatamente sentimentos. É o caso de "Avante!" e "Bravo!".

Para prosseguir no meu raciocínio, vou definir as interjeições por um princípio que parece adequado; o semântico-formal. As interjeições são enunciados que não apresentam estrutura frasal.

Por essa definição, estão incluídas na categoria interjeição, todas as expressões assim denominadas pela gramática tradicional. Como "Psiu!" que expressa apelo; "Bravo!" que expressa aplauso; "Oba!" que expressa entusiasmo e "Oh!" que expressa emoções súbitas, não especificadas previamente. Essa lista de poucas interjeições comprova a característica formal e semântica que as define: não têm estrutura frasal e são enunciados, e, enquanto enunciados, naturalmente também não exercem função sintática numa frase.

Feita a definição das interjeições, volto-me agora para a classificação desses enunciados. Não vou repetir as classificações tradicionais, cujo princípio tem sido o do sentimento que expressam, porque afinal nem sempre é de sentimentos que se trata, e uma classificação desse tipo não contribuiria em nada para o objetivo que persigo neste trabalho que é o de verificar se nas interjeições, nisso que Jakobson chama de extrato puramente emotivo da linguagem, não encontra ela seu resíduo monológico. O princípio que utilizarei para classificar as interjeições é o da intersubjetividade, entendida como relação **eu-tu** em um contexto significativo comum.

Ducrot (1984) fez estudo das interjeições dentro de uma perspectiva dialógica, mas na linha de sua interpretação polifônica da dialogia. O trabalho é indispensável para qualquer pessoa que se interesse pelo assunto, mas, por suas características teóricas, não oferece fundamentação para o que pretendo expor aqui. Eu empregarei o termo intersubjetividade no seu sentido inicial e mais abrangente, que é o da relação **eu-tu**, mutuamente representados como origem de enunciados diversos, na linha descendente de Benveniste e Bakhtin. Do mesmo modo, utilizarei o termo dialogia sem as

especificações teóricas posteriores, que, por isso mesmo, tem a vantagem de abrigar, sem determinações da natureza do sujeito, propostas diversas como as das teorias discursivas, dos atos de fala, conversacionais, etc, o que é vantajoso para mim neste momento. Também essa perspectiva é suficiente para dar à linguagem sua qualificação de dialógica em sentido amplo.

Para caracterizar meu princípio de classificação, a intersubjetividade, reporto-me a um artigo de Benveniste, autor que forneceu idéias básicas para a concepção dialógica da linguagem. No artigo "Semiologia da Língua", ele trata da significação. Afirma que a língua é dotada de uma dupla significância, dois modos distintos de significar, o semiótico e o semântico. O semiótico é o modo próprio de significação da língua e o semântico é o modo próprio de significação do discurso, isto é, da língua posta em funcionamento por um **eu** frente a um **tu**. O critério de validade da significação no nível semiótico está, segundo Benveniste, no reconhecimento do signo e o critério de significação no nível semântico está na compreensão. Podemos, então, interpretar o âmbito do semântico como aquele da intersubjetividade, querendo, aqui, esse termo dizer que, na enunciação, um locutor emite um discurso que suscita, pela compreensão, outra enunciação, uma resposta, criando-se sempre a possibilidade de alternância do **eu**.

Esse é o ponto de partida das teorias dialógicas da linguagem e não preciso ir adiante para o que pretendo aqui, que é a classificação das interjeições pelo princípio da intersubjetividade. Aplicando esse princípio, encontro duas classes de interjeições, dois paradigmas semânticos. O primeiro represento pela interjeição Bravo! e o segundo pela interjeição "Oh!".

As interjeições que pertencem ao paradigma de "Bravo!" classifico de intersubjetivas, porque elas realizam o nível semântico do discurso. Criam uma situação de enunciação dentro do padrão compreensivo e responsivo do diálogo. Quando grito "Bravo!" no final de um concerto, o pianista poderá repetir o número, ou dizer:

- Obrigado.
- Agradeço o aplauso.
- Vocês são muito gentis.

A enunciação de "Bravo!" suscita um número muito grande de respostas, mas todas elas ligadas à compreensão do sentido da interjeição, baseadas, portanto, no reconhecimento do signo que materializa a enunciação.

As interjeições pertencentes ao paradigma semântico de "Oh!" chamo de não-intersubjetivas, porque elas não realizam o modo pragmático de significância, que é o da compreensão. A enunciação de "Oh!" não cria um contexto de compreensão responsiva, uma vez que não subentende aquilo que Benveniste chama de modo semiótico de significância, simplesmente porque não há um signo lingüístico sustentando a enunciação. Fora do enunciado, o que existe é um fonema, que não guarda qualquer relação com a interjeição. Em vista disso, falta a esse tipo de interjeição o traço de intersubjetividade.

Em outras palavras, a enunciação de "Oh!" não cria um contexto dialógico, não provoca uma **resposta** lingüística, embora possa criar uma **reação** de qualquer natureza,

lingüística inclusive. Ao perceber que alguém pronuncia "Oh!", posso encaminhar-me para a pessoa, sorrir para ela, ou perguntar:

- O que você sente?

- Você pretende dizer alguma coisa?

Mas minhas perguntas constituirão reações lingüísticas. Estou, desse modo, opondo **resposta a reação**. E é preciso que o sentido com que emprego essas palavras fique bem claro para que se entenda o que estou afirmando. Uma reação posso ter frente a um ato lingüístico ou não. Quando vejo uma maçã, por exemplo (ou para lembrar o famoso exemplo). Uma resposta é sempre resposta a uma enunciação e determinada pela significação e o valor dessa enunciação. "Oh!" não cria, pois, um contexto dialógico, na medida em que não suscita uma resposta no sentido semântico do termo. Em conseqüência, tal enunciação não instaura o **tu** de natureza lingüística, que é condição para o diálogo. Frente a uma enunciação desse tipo, posso dizer qualquer coisa ou coisa alguma.

Retomando a linha do raciocínio, busco, em Austin, reforço para minha argumentação a favor da existência de uma categoria de interjeição não-intersubjetiva. Os argumentos tomados em Austin são de natureza semelhante dos apresentados via Benveniste, só que de contexto teórico diverso evidentemente.

Em sua décima primeira conferência, Austin afirma que sempre que dizemos qualquer coisa, efetuamos, a mesmo tempo, um ato locucional e um ato ilocucional. Exceto; talvez, diz ele, no caso de certas interjeições como "Ai!". Ora, na linha semântica em que venho examinando as interjeições, tenho para acreditar que "Ai!" não seria um ato ilocucional, por faltar-lhe o nível da ação locucional, o do sentido e da referência, isto é, o nível da significação. Efetivamente, Austin afirma que não se realiza um ato ilocucional se a enunciação não produz um determinado efeito consiste na compreensão da significação e do valor da locução. Lembra o autor que não podemos dizer que advertimos um ouvinte, se ele não entende nossas palavras e não as toma em determinado sentido.

Do que foi exposto, parece adequado inferir que a enunciação de "Oh!" ou de "Ai!" não seria um ato ilocucional por não realizar o efeito que um ato desse tipo deve produzir, que é, antes de tudo, a compreensão de uma significação convencionalmente associada à forma lingüística. Não podemos imaginar a enunciação de um **Oh** que não seja uma exclamação e que tenha como referência ou como sentido um determinado sentimento ou emoção. Seguindo o exemplo de Austin, não podemos afirmar que, dizendo "Oh!", ele queria dizer **oh** do mesmo modo que, dizendo "Dê um tiro nela", ele queria dizer por "dê um tiro" **dê um tiro** e por "ela" se referia a **ela**. Ao contrário, são os mais variados sentimentos e emoções, com suas infinitas nuances que se configuram pela enunciação de "Oh" e somente por ela.

Já o mesmo não se pode afirmar em relação a "Bravo!" por exemplo. Embora essa interjeição não apresente a estrutura de uma frase ou proposição, ela realiza o efeito próprio de um ato ilocucional, que é o de aplaudir alguém pelo reconhecimento desse alguém da significação do enunciado e do valor da enunciação. "Bravo!" propicia,

portanto, uma resposta relacionada com a significação e o valor da enunciação, o que mais uma vez a caracteriza como intersubjetiva.

Concluindo, os argumentos aqui apresentados autorizam o reconhecimento da existência de interjeições não intersubjetivas e, portanto, a existência de um resíduo monológico na linguagem. Tal resíduo está ligado à expressão de emoções que os gramáticos chamam de emoções súbitas, ou gritos d'alma.

O que acabo de apresentar é uma reflexão inicial sobre o tema interjeição, esta marginal da pesquisa lingüística. O nível de elaboração das conclusões aqui apresentadas é incipiente e limitado pelas restrições que este espaço impõe. Detive-me em apenas dois paradigmas de interjeição, detectados a partir de um único critério de classificação. Em razão disso, certamente surgirão contra exemplos à classificação apresentada, que só poderão ser resolvidos na continuação do trabalho ora iniciado.

BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, J.L. *How to do things with words*. Oxford, Clarendon Press, 1962.

BALLY, C. *El lenguaje y la vida*. 4 ed. Buenos Aires, Editorial Losada, 1941.

BENVENISTE, E. *La forme et le sens dans le language*. In: *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris Gallimard, 1974.

DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris, Minuit, 1984.

JAKOBSON, R. *Lingüística e poética*. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.